

## A Geografia na escrita da História de Alice Piffer Canabrava (1935-1951)

OTÁVIO ERBERELI JÚNIOR\*

“Monbeig e Braudel conquistaram os estudantes intelectualmente. Quando terminei os três anos de curso não tinha ideia do que queria fazer – ser geógrafa ou historiadora”. (CANABRAVA *apud* RIBEIRO, 1999: 15).

### Introdução

Atualmente, o fato de alguém se questionar acerca da escolha entre ofícios que nos parecem tão diversos, como o faz Alice Piffer Canabrava na epígrafe acima, pode causar certo estranhamento. Contudo, se nos remontarmos ao início da profissionalização do ofício de historiador no Brasil, verificaremos que os cursos de História e Geografia nasceram integrados. Quando do término dos três anos de graduação, o aluno recebia dupla titulação, e uma escolha possível dentro de seu horizonte de expectativas era exatamente dedicar-se ao ofício de geógrafo ou ao ofício de historiador.

O caso da historiadora Alice Piffer Canabrava (1911-2003) insere-se neste horizonte e a figura dos professores estrangeiros, quando de seu ingresso no curso de História e Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da Universidade de São Paulo (USP) em 1935, ganha grande relevo, principalmente com a presença de historiadores e geógrafos franceses.

Neste pequeno texto, nosso intento será discutir alguns pontos tratados no primeiro capítulo de nossa dissertação de mestrado<sup>1</sup>, onde procuramos analisar como se deu a incorporação da tradição de estudos geográficos na obra de Alice Canabrava. Para tanto,

---

\* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História e Sociedade da Unesp, *campus* Assis. Bolsista CNPq.

<sup>1</sup> Nossa dissertação tem por título “Uma História da Historiografia de Alice Piffer Canabrava (1935-1951)” e é orientada pela Profa. Dra. Karina Anhezini de Araujo.

tomamos como fontes seu primeiro texto, escrito em parceria com Maria Teixeira Mendes<sup>2</sup>, publicado em 1938 na *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo* e intitulado “A Região de Piracicaba”; e sua tese para a cadeira de História Econômica da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas (FCEA) da USP, intitulada “O Desenvolvimento da Cultura do Algodão na Província de São Paulo (1861-1875)”, apresentada em 1951 e que a consagrou primeira catedrática da Universidade de São Paulo<sup>3</sup>.

### **O aporte geográfico de Alice Piffer Canabrava**

No caso do artigo “A Região de Piracicaba”, destarte o fato de ter sido escrito em co-autoria, por questões atinentes a nossos objetivos, deteremo-nos às partes escritas diretamente por Alice Canabrava. Conforme constante em seu memorial para o concurso da cadeira de História da Civilização Americana de 1946<sup>4</sup>, Canabrava ficou responsável pela redação das seções que abordam a História do povoamento, a habitação e a população.

Antes de adentrarmos propriamente às partes escritas por Canabrava, faz-se *mister* que nos atentemos de antemão para o título do estudo conjunto das autoras. O recorte espacial regional adquire aqui grande importância, uma vez que a cadeira de Geografia, quando Alice Canabrava foi aluna do curso de História e Geografia da FFCL da USP, foi ocupada pelo geógrafo francês Pierre Monbeig<sup>5</sup>.

---

<sup>2</sup> Maria Celestina Teixeira Mendes Torres foi colega de curso de Alice Canabrava, sendo que no período entre 1947-1948 foi também sua assistente na FCEA da USP. É especialista na história dos bairros de São Paulo e de Piracicaba.

<sup>3</sup> Realizamos uma análise pormenorizada desta tese no que tange a fontes utilizadas, métodos, visão do passado brasileiro, projeto de Brasil, concepção de História Econômica etc (ERBERELI JÚNIOR, 2012).

<sup>4</sup> Processo 46.1.126.8.7 (Arquivo da FFLCH da USP: inscrição no concurso para a cadeira de História da Civilização Americana, 1946). *Memorial*, p. 1.

<sup>5</sup> O *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1934-1935, 1937*, destaca que foi aluno de História Econômica de Henri Hauser na Universidade de Paris, bem como aluno de Geografia de Albert Demangeon e Emmanuel De Martonne na mesma universidade. Licenciado em Letras em 1927. Em 1928 obtém o certificado de Geografia Geral. Destaque é dado às suas colaborações nos *Annales de Géographie*, periódico fundado em 1891 por Paul Vidal de La Blache, marco da fundação da Geografia moderna na França; e suas colaborações na revista dos *Annales*. (*Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1934-1935, 1937*: 318-319).

Quando de sua chegada na FFCL para substituir Pierre Deffontaines<sup>6</sup> em 1935, Monbeig escreve um texto intitulado “Orientação didática”, que dará o tom de todo o conteúdo programático da cadeira. Dentre questões como a proficuidade da separação da cadeira em Geografia Humana e Geografia Física, para a maior maximização dos esforços de ensino, Monbeig milita a favor da criação de um curso de Geografia Regional, pois em sua compreensão, “[...] uma geografia unicamente geral não é toda a geografia: o estudante, depois de estudar, durante três anos, exclusivamente os fatos gerais, não terá chegado a adquirir a disciplina de espírito, o método de trabalho e o rigor que os estudos regionais lhe poderiam proporcionar”. (MONBEIG, 1937: 107). Desta forma, para Monbeig, a aquisição dos métodos e do rigor trazidos pelos estudos regionais, seriam aspectos imprescindíveis da formação de geógrafo. Sendo assim, encontramos no programa da cadeira de Geografia do ano de 1936, segundo ano de graduação de Alice Canabrava, publicado no *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1936*, um tópico definido por ele como “trabalho essencial do geógrafo”, qual seja: o estudo regional, fornecendo a definição de região e de seus subtipos: região histórica, região administrativa. Neste diapasão, o estudo da América do Sul estaria presente nos segundo e terceiro anos do curso, tendo por principal referência o texto de Pierre Denis<sup>7</sup> intitulado “L’Amérique du Sud”, constante dos volumes publicados da “Geografia Universal” de Paul Vidal de La Blache<sup>8</sup> e Lucien Gallois<sup>9</sup>.

---

<sup>6</sup> Primeiro regente da cadeira de Geografia da FFCL permaneceu na mesma somente no ano de 1934, quando foi convidado para a criação da cadeira de Geografia Humana na recém-fundada Universidade do Distrito Federal (UDF). O *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1934-1935*, 1937, traz seu currículo vitae. Resumidamente: nasceu em 1894 em Limoges na França. Em 1916 licenciou-se em Direito em Poitiers, obtendo também doutoramento em Direito civil pela mesma universidade em 1918. Em 1919 obtém licenciatura em História e Geografia pela Sorbonne e em 1920 o diploma de estudos superiores em Geografia pela mesma instituição. Também foi responsável por várias missões geográficas, como no Saara e na Europa central, com destaque para a antiga Tchecoslováquia. (*Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1934-1935*, 1937: 317-318).

<sup>7</sup> “Pierre Denis beneficiou-se duma bolsa Albert Kahn no ano de 1907 e viajou ao Brasil, de Belém a Porto Alegre. No seu retorno, ele publicou um pequeno livro, notável pela descrição das paisagens e pela qualidade da interpretação das mudanças da economia cafeeira no Estado de São Paulo. [...] A qualidade das interpretações de Pierre Denis é excepcional. Ele torna-se banqueiro no período entre as duas guerras mundiais. Durante a segunda guerra mundial, torna-se o responsável das finanças da França livre, com De Gaulle ainda em Londres”. (CLAVAL, 2005: 24-25). O primeiro trabalho de Geografia Regional sobre a América do Sul é de sua autoria. Em 2006, no IBGE, foi realizado um simpósio a respeito de sua obra. Para tanto ver: <<http://www.ipgh.org/comisiones/geografia/files/itu/apresentacao-itu3.pdf>>. Acessado em 10/01/2013.

<sup>8</sup> Paul Vidal de La Blache (1845-1918) é o principal expoente da Escola Geográfica Francesa, surgida no âmbito da institucionalização do ofício de geógrafo na França. A constituição do que se convencionou chamar de

A primeira seção do artigo escrita por Canabrava denomina-se “Habitação” e logo de início nos traz um importante dado:

*Percorrendo-se a zona de Piracicaba e Capivari, a impressão que se tem das suas habitações, é de admirável uniformidade nos seus tipos. A casa, que reflete sempre a organização econômica social do meio, conserva sempre o mesmo tipo, porque em toda parte ela satisfaz às mesmas necessidades que impõe as culturas mistas.*  
(CANABRAVA; MENDES, 1938: 304).

O verbo percorrer, do excerto acima, não é meramente ilustrativo, pelo contrário. Conforme constante do já citado memorial para o concurso da cadeira de História da Civilização Americana da FFCL da USP de 1946, este artigo foi fruto de um exercício de campo realizado pelas autoras, provavelmente com Pierre Monbeig. As excursões geográficas foram bastante privilegiadas pelos primeiros regentes da cadeira de Geografia, como nos faz recordar um ex-aluno de Pierre Monbeig, afirmando que a primeira aula de seu curso era em campo.

*O itinerário escolhido envolvia a saída a partir das colinas de São Paulo e um transecto pelas serranias de Jundiá, até atingir setores da chamada depressão periférica paulista. De São Paulo a Jundiá e a Campinas, até Salto e Itu, com*

---

Geografia moderna na França se deu pela institucionalização do ofício de geógrafo nas universidades francesas em fins do século XIX e primeiras décadas do século XX. Além da fundação de sociedades geográficas, como a Sociedade Geográfica de Paris, a tradição naturalista e dos relatos de viagem, um evento particularmente marca o esforço de institucionalização desta disciplina: a Guerra Franco-Prussiana (1870-1871) e a consequente perda do território de Alsácia e Lorena, tomados da França por Bismarck. Este processo faz nascer um grande sentimento de revanchismo na França e inspira os alemães recém-unificados a continuarem em seu intento expansionista. (MORAES, 2007: 77). Um dos fatores elencados para justificar a derrota francesa é o sentimento de que a França estava muito aquém da Alemanha no desenvolvimento científico. Desta forma, a vitória alemã também é creditada às inspirações estrategistas provenientes da leitura da obra do fundador da moderna Geografia alemã: Friedrich Ratzel (1844-1904). Neste sentido, Paul Vidal de La Blache irá empreender um diálogo com Ratzel com o intuito de tentar expurgar de sua obra todo seu conteúdo explicitamente político, de incentivo à guerra e ao imperialismo.

<sup>9</sup> A Região é a escala de análise privilegiada pela Escola Geográfica Francesa. A noção de região originou-se da Geologia e foi trazida para a Geografia por Lucien Gallois. Este, contudo, ainda possuía uma noção de região determinada pela unidade dos fatores naturais da superfície terrestre. O que La Blache empreende e que cada vez mais se acentua em seus seguidores é uma humanização progressiva da noção ou conceito de região. Neste sentido, o povoamento e a ocupação dos territórios serão explicados pela individualidade dos dados humanos, ou, mais amplamente, pela História. A região não seria apenas uma unidade teórica de análise, mas a própria realidade geográfica. Caberia ao geógrafo, delimitá-la, descrevê-la e explicá-la. Cada região teria suas características específicas, diferenciando-se de outras regiões por suas características limítrofes. (MORAES, 2007: 86-87).

*regresso pelo famoso canyon do Tietê, passando por Cabreúva, Pirapora do Bom Jesus, Sant'Ana do Parnaíba e subúrbios ocidentais de São Paulo. (AB'SABER, 1994: 225).*

Quando do início do funcionamento do curso de História e Geografia no ano de 1934, no programa da cadeira de Geografia constante do *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1934-1935*, publicado em 1937, encontramos, além do conteúdo de cada ano do curso, também o adendo de que haverá excursões e trabalhos práticos. Em seu já citado texto “Orientação didática”, Monbeig sugere que a FFCL crie um fundo para que os alunos sem condições financeiras possam participar das excursões geográficas. Ele não está, absolutamente, sozinho quanto à grande importância conferida a estas excursões. Em 1936, Emmanuel De Martonne<sup>10</sup> chega à FFCL da USP à fim de auxiliar Pierre Monbeig na cadeira, uma vez que este último era especialista em Geografia Humana e Econômica e já havia se queixado da ausência de trabalhos em Geografia Física para o ano de 1934 (MONBEIG, 1937: 109-110). Quando deixou a FFCL em 1937, De Martonne produziu um relatório onde podemos encontrar também a importância por ele conferida aos trabalhos de campo e excursões geográficas. “Ces Excursions ne peuvent être laissées a la charge des élèves, et dès crédits assez importants doivent être prévus pour leur réalisation, tout comme pour les Sciences naturelles”. (DE MARTONNE, 1938: 121). Esta importância conferida às

---

<sup>10</sup> O *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1937-1938*, 1938, traz a síntese da trajetória acadêmica de Emmanuel De Martonne, bem como seus principais trabalhos. “O prof. De Martone é uma das maiores figuras no domínio das ciências geográficas. Basta lembrar que o egrégio mestre é o professor de Geografia Física na Sorbonne, sendo ao mesmo tempo diretor do Instituto de Geografia da Universidade de Paris. O prof. Emmanuel De Martone, no início da sua carreira, entrou para a Escola Normal Superior, onde obteve o título de “agregé”, após defesa brilhante de uma tese sobre a *Valachia*. Foi um dos melhores discípulos de *Vidal de la Blache*, o renovador do estudo de Geografia na França. Na sua longa carreira, o eminente geógrafo, de fama universal, foi professor nas Universidades de Rennes, Lyon e Paris. O seu “Tratado de Geografia Física” é compulsado pelos estudantes de toda parte do mundo, pois é hoje considerado uma obra clássica”. Quanto a seus principais trabalhos: “Após a morte prematura de Vidal de la Blache, De Martone recolheu as notas do seu grande mestre, publicando-as sob o título de “Princípios de Geografia Humana”. Entre os trabalhos do notável geógrafo, que esta Faculdade teve a honra e o prazer de hospedar, devemos destacar um livro claro e substancial sobre os Alpes, dois volumes sobre a Europa Central e uma série de trabalhos sobre as regiões áridas da América Andina”. (*Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1937-1938*, 1938: 117-118).

excursões e trabalhos de campo, está ligada a necessidade de observação do geógrafo<sup>11</sup>. Desta forma, é através deste olhar, que Canabrava deriva suas impressões acerca das habitações da região estudada.

Outro elemento importante da tradição geográfica francesa e que também foi incorporado por Marc Bloch e Lucien Febvre (RIBEIRO, 2008: 135) é o estudo da paisagem, especificamente das transformações imputadas pelo homem na mesma. “Apenas os edifícios em dois andares, das grandes usinas, quebram a sucessão de casas idênticas, na monotonia da paisagem rural”. (CANABRAVA; MENDES, 1938: 304). Aqui, claramente Canabrava mobiliza seus conhecimentos de Geografia Humana<sup>12</sup>, particularmente em relação ao objeto deste ramo da Geografia, como definido por Pierre Deffontaines – leitura também presente no programa da cadeira de Geografia de Pierre Monbeig: “Ela [a Geografia Humana] pesquisa aquilo que o homem acrescentou à paisagem da Terra, ela estuda o homem como fabricante de paisagem, como transformador da fisionomia terrestre”. (DEFFONTAINES, 1943: 13). Inclusive, a Geografia Humana estava presente nos dois primeiros anos do curso, sendo seu conteúdo o mais extenso da cadeira. Ademais, o próprio Monbeig definiu a Geografia, como um todo, na perspectiva da paisagem geográfica, independentemente da especialização. “Nenhum geógrafo encara a separação absoluta, que seria nefasta e conduziria tão longe da geografia, como da geologia e da história; geografia humana e geografia física têm um campo de pesquisa idêntico: a terra, a paisagem geográfica”. (MONBEIG, 1937: 110).

Na seção “Povoamento”, Alice Canabrava explica a ocupação da região através das vias de comunicação em uma perspectiva histórica.

---

<sup>11</sup> A excursão geográfica é um recurso metodológico extremamente caro à Escola Geográfica Francesa, uma vez que a observação *in loco* permitiria ao geógrafo descrever as características físicas do espaço com maior precisão. Para o geógrafo de orientação vidaliana, somente se pode descrever certo espaço porque se esteve lá; porque se viu. (RIBEIRO, 2008: 81). Com seu olhar “treinado” conseguiria apreender as características da topografia, do solo e relacionar tudo isso à ocupação humana. O geógrafo, por isso, seria um profissional de campo. Jean Brunhes afirmou que o geógrafo teria um olhar diferenciado e específico, que o distinguiria de outros profissionais de ofício. À seguinte pergunta: “Em que consiste o espírito geográfico?”, teria respondido sem pestanejar: “Quem é geógrafo sabe abrir os olhos e ver. Não vê quem quer.” Nas palavras do próprio La Blache: “A Geografia distingue-se como ciência essencialmente descritiva”.

<sup>12</sup> Ratzel é pioneiro na sistematização da Geografia Humana, uma vez que até então na Alemanha predominava a perspectiva kantiana de que o objeto de estudos da Geografia deveria ser os fenômenos naturais que ocorrem na superfície terrestre, sendo que o homem seria tratado pela Antropologia. (MORAES, 1990: 7). Ratzel, contudo, não se utiliza do termo “Geografia Humana”, mas sim do termo “Antropogeografia”, título de uma de suas mais famosas e importantes obras, publicada em 1882.

*A história do povoamento da região de Piracicaba, é no seu início, a história das vias paulistas para o sertão de Mato Grosso: concentra-se em torno do rio Piracicaba, que em fins do século XVIII atrai o sertanejo paulista, para fixá-lo no século XVIII [acreditamos que aqui Canabrava tenha querido dizer XIX], impulsionando os seus engenhos ainda rudes e alimentando o gado das suas primeiras sesmarias. (CANABRAVA; MENDES, 1938: 306).*

Esta importância conferida às vias de comunicação para a explicação da ocupação da região pode ser compreendida pelo fato de que ao longo de todo o terceiro ano do curso da cadeira de Geografia, os alunos tinham um longo tópico específico denominado exatamente de “vias de comunicação”, onde Monbeig pretendia demarcar a importância das vias de comunicação para o estudo geográfico, especialmente as vias marítimas, fluviais e as estradas de ferro. E também dá um exemplo de monografia regional a partir do estudo de um grande porto, como Londres, Antuérpia, Hamburgo, Nova Iorque. (MONBEIG, 1937a: 254-255). A bibliografia desta parte do curso incluía Vidal de La Blache, Jean Brunhes<sup>13</sup> e Lucien Febvre<sup>14</sup>, autores que ficaram na memória de Alice Canabrava: “As leituras tinham de passar, obrigatoriamente, na Geografia, pelas obras de De Martonne, Brunhes, Vidal De La Blache, Lucien Febvre [...]”. (CANABRAVA, 2005: 29).

Continuando em sua história do povoamento da região, Canabrava aponta que em fins do século XVIII e início do XIX, as povoações de Capivari, Santa Barbara, São Pedro e Monte Mor já estavam estabelecidas; todas em torno de capelas. Neste sentido, Canabrava cita o estudo do geógrafo Rubens Moraes<sup>15</sup>, publicado em 1935 na revista *Geografia*, com o

---

<sup>13</sup> Jean Brunhes (1869-1940) foi um dos principais geógrafos a desenvolver as teses vidalianas, tendo formulado sua própria noção de objeto. (MORAES, 2007: 85-86). Foi também responsável por uma tentativa de aproximação entre a Geografia e a psicologia. (OZOUF-MARIGNIER, 2006: 64-65).

<sup>14</sup> Trata-se do livro de Febvre de 1922, intitulado “La terre et l’évolution humaine: introduction géographique à l’Histoire”. Neste famoso livro, Febvre irá tomar partido dos geógrafos no ataque desferido contra estes pelo sociólogo durkheimiano François Simiand. (DOSSE, 2004: 117-118). Neste sentido, Febvre irá criticar duramente a Geografia de Ratzel e desqualificá-la por determinista e imputará à La Blache o qualificativo de Geografia “possibilista”, onde, nesta, o homem não estaria fadado às condições ambientais, mas, através da ciência moderna, poderia interferir no meio. Temos aqui um importante capítulo da apropriação da Geografia vidaliana pelos primeiros *annalistes*.

<sup>15</sup> Trata-se de Rubens Borba de Moraes, bibliófilo e biblioteconomista, organizador do “Manual Bibliográfico de estudos brasileiros” e um dos fundadores da Associação dos Geógrafos Brasileiros juntamente com Pierre Deffontaines.

título de “Contribuições para a história do povoamento de S. Paulo até fins do século XVIII” e corrobora sua tese de que “o fator mais freqüente da fundação de cidades até fins do século XVIII” é a capela. Tal tese nos faz lembrar a reflexão de Pierre Deffontaines, ao exclamar “Quantas aglomerações se formam em torno de um edifício sagrado que serve assim de núcleo!” (DEFFONTAINES, 1943: 14). Está aí posto um fator cultural e religioso de grande importância para a história do povoamento desta região específica de Piracicaba.

Quanto à “População”, esta é a segunda seção mais longa do artigo. Tal fato pode ser explicado se nos remontarmos, mais uma vez, ao conteúdo programático da cadeira de Geografia. No primeiro ano do curso, conforme o *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1934-1935*, publicado em 1937, todo ele era dedicado ao estudo do relevo e da população. O conteúdo da cadeira seria modificado somente em 1936, no segundo ano de curso de Canabrava. Desta feita, ela estudou ao longo de todo um ano os aspectos de relevo e de população. Alice Canabrava, nesta seção do artigo, faz grande uso de estatísticas e constrói várias tabelas. E, por várias vezes, empreende um exercício caro aos geógrafos de orientação vidaliana, qual seja: destarte o fato de se tratar de uma monografia de estudo regional, ela não deixa de inserir a região no todo territorial e histórico ao qual pertence e pelos quais sua dinâmica é influenciada<sup>16</sup>. Ela aponta que um aumento populacional observado em certo momento confere à região consistência em sua estrutura populacional, uma vez que não houve inflexão devido à abolição da escravidão de 1888. Neste sentido, sempre que é possível, Canabrava recorre ao recurso comparativo à fim de confrontar a situação da região, com a do Estado e do país<sup>17</sup>.

---

<sup>16</sup> A região é a escala de análise que logo ligamos à tradição vidaliana. Contudo, a perspectiva de Vidal de La Blache possui características multi-escalares que se correlacionam. (RIBEIRO, 2008: 78). Desta forma, La Blache aborda as *pays* francesas - palavra proveniente do latim *pagus*, trata-se de uma região pequena, com extensão de 30 por 30 km. “Espaço que se atravessa a pé, em um dia”. (SALGUEIRO, 2006: 32) - uma França mais profunda com sua temporalidade secular. O *território*, expressão de um Vidal de La Blache que os primeiros historiadores dos *Annales* tentaram exorcizar, mas que reflete a faceta geopolítica de La Blache, que mesmo nacionalista e colonialista, criticava a política francesa nestas esferas. E também a escala em nível da *Terra*, tomada por referência, no sentido de que todas as outras a ela pertencem, fornecendo a noção de que todas as regiões estão interligadas e fazem parte de um todo. (RIBEIRO, 2008: 79-80). Exatamente em função desta perspectiva relacional entre as escalas, Vidal não via dicotomia entre Geografia Geral e Geografia Regional

<sup>17</sup> A comparação possui papel fundamental na análise vidaliana. (MORAES, 2007: 84). É a descrição que permitirá ao geógrafo utilizar-se do recurso comparativo.

Além de tratar da densidade populacional da região, da imigração e dos deslocamentos populacionais internos, Canabrava recorre a dois mapas objetivando explicar a formação de dois bairros rurais da região. No ofício de geógrafo, a visualização através de mapas possui importância fundamental. Neste sentido, a Cartografia torna-se uma ciência auxiliar indispensável. Mesmo sendo um mapa extremamente simples que mostra como se deu a ocupação destes dois bairros através de elementos de Geografia Humana e Econômica, como rodovias e capelas, certamente a construção do mesmo se deve à grande importância que os primeiros regentes da cadeira de Geografia da FFCL deram à Cartografia. Exemplo disso encontramos no já citado relatório de Emmanuel De Martonne. Após constatar, com surpresa, que os alunos possuíam grande interesse em Geografia Física, aponta que o curso possuía carências sérias de ordem material, que necessitariam ser supridas. [...] “une collection complète de Cartes murales doit être constituée. Une collection de projections doit être réunie aussi. Pour les travaux pratiques [...] Il est indispensable de disposer de cartes topographiques détaillées”. (DE MARTONNE, 1938: 121).

Pela primeira vez em sua parte no artigo, Canabrava faz uso de conhecimentos de Geografia Física para explicar a disseminação populacional.

*A disseminação da população no interior dos municípios é função da pequena propriedade. As terras argilo-arenosas, facilmente arroteáveis, impermeáveis de modo a formar uma rede hidrográfica extremamente ramificada que possibilita em toda parte o abastecimento de água, são condições naturais que ao lado dos fatores econômicos explicam a disseminação. (CANABRAVA; MENDES, 1938: 321).*

Esta disseminação populacional é explicada pelos fatores naturais, principalmente, hidrográficos e pelos fatores sócio-econômicos.

Pudemos notar que ao longo do artigo, as seções relacionadas à Geografia Física ficaram a cargo de Maria Teixeira Mendes, como “Notas Geológicas”, “Solos”, “Clima” e “Desbastamento Florestal”. Poderíamos a partir disso, inferir que Alice Canabrava prescindisse de conhecimentos de Geografia Física em prol de seus conhecimentos em Geografia Humana e Geografia Econômica. Contudo, sua tese de cátedra, “O Desenvolvimento da Cultura do Algodão na Província de São Paulo (1861-1875)”, não nos

permite corroborar esta impressão. Nesta tese, apresentada para uma cadeira de História Econômica, encontramos uma forte presença da Geografia e não somente da Geografia Humana e Econômica, mas principalmente da Geografia Física, até mesmo em função da natureza do objeto por ela tratado<sup>18</sup>.

Para o quadro geográfico, principalmente em relação a aspectos vinculados à topografia da Província de São Paulo, Alice Canabrava parte de duas análises dos já citados mestres franceses da Geografia: Pierre Deffontaines (1935) e Pierre Monbeig (1949). Neste aspecto, ao tratar da região de Sorocaba, onde o cultivo do algodão alcançou maior sucesso na Província, Canabrava afirma:

*Os municípios que se estendem ao sudoeste de Campinas (...) situam-se na depressão paleozóica, essa larga faixa de terras, em grande parte argilo-arenosas que se estende de Mococa e Casa Branca ao norte até São Pedro de Itararé e São João Batista do Rio Verde ao Sul, nas proximidades da Província do Paraná. A região, pouco acidentada, com altitudes que regulam de 600 a 700 m, possui solos em geral pobres, cobertos de campos naturais, interrompidos, de vez em quando, na época, por matas altas, cerrados e capoeiras. (CANABRAVA, 2011: 127).*

Além da descrição topográfica, percebemos também que Alice Canabrava descreve as características da vegetação da região, bem como faz considerações quanto ao estado do solo. Podemos compreender melhor esta mobilização de conhecimentos de Geografia Física se mais uma vez nos remetermos ao conteúdo programático da cadeira de Geografia. No ano de 1936, como já afirmamos, seu conteúdo é modificado, e ao longo dos três anos do curso, os alunos teriam contato com a Biogeografia, que versava sobre “definições e generalidades, o passado geológico. Extensão e disseminação das espécies. O meio, a sociologia dos vegetais e dos animais”. (MONBEIG, 1937a: 252). Sendo assim, estudavam-se os domínios botânicos, zoológicos, a relação entre homem e plantas, as classificações do solo, o meio atmosférico, com leituras, dentre outros, de Emmanuel De Martonne e seu “Tratado de Geografia Física”. Acrescente-se a isso o fato de que, como já afirmamos, no ano de 1937 a FFCL ter recebido o

---

<sup>18</sup> Realizamos uma leitura desta nossa fonte, sob a inspiração da historiografia ambiental estadunidense (ERBERELI JÚNIOR, 2012a).

próprio Emmanuel De Martonne e ter desdobrado a cadeira de Geografia em Geografia Humana e Geografia Física. Realmente sua presença objetivou suprir a carência nesta área na qual era especialista, pois durante sua estadia ofereceu 16 cursos e sessões de trabalhos práticos aos alunos, “ont été consacrés a l’étude du relief en fonction de la structure géologique et du climat, avec nombreux exemples empruntés a l’Europe et un certain nombre empruntés au Brasil lui même”. (DE MARTONNE, 1938: 119).

Desta forma, podemos compreender melhor os subsídios utilizados por Canabrava para analisar as principais pragas que atingiam o algodoeiro, bem como as motivações que a conduziram a tal intento. “Conjuntamente com o curuquerê assinala-se, em 1866, a existência da antracnose, doença do algodoeiro conhecida vulgarmente sob o nome de carimã”. (CANABRAVA, 2011: 211). No que tange às espécies de algodão cultivadas na Província, Canabrava cita as que eram cultivadas e os tipos de semente: “A denominação herbáceo, que se vulgarizou no período estudado, e até hoje se mantém, designava todas as variedades importadas dos Estados Unidos”. (CANABRAVA, 2011: 90).

Aspectos climáticos, que, posteriormente seriam muito caros a um grupo dos *Annales*, principalmente com Emmanuel Le Roy Ladurie<sup>19</sup>, também são abordados por Alice Canabrava. Quanto a mais próspera região produtora de algodão, ou seja, a região de Sorocaba, Canabrava menciona alguns de seus aspectos climáticos e pluviométricos: “Caracterizada em geral pelo clima quente, a região apresenta em média, temperatura de verão acima de 22° C e a de inverno inferior a 18° C. A pluviosidade do mês mais seco, tão importante para a produção do algodoeiro, é inferior a 30 mm em Sorocaba [...]”. (CANABRAVA, 2011: 127). Em nota de roda-pé, Canabrava traz ainda as médias da temperatura de verão da região, bem como a pluviosidade do mês mais seco, ou seja, Julho, e o regime climático ideal para o cultivo do algodão herbáceo.

Estes conhecimentos de Climatologia mobilizados por Canabrava, certamente possuem relação com o fato de ter frequentado os cursos de Geografia Física que Pierre

---

<sup>19</sup> Este importante autor da Escola dos *Annales* elabora o prefácio ao número especial da revista dos *Annales* de 1974, dedicada à *Histoire et environnement*. Contudo, já em 1970, Ladurie publicou nos *Annales* um artigo intitulado “Por une histoire de l’environnement: la part du climat”. Sem mencionarmos o fato de que em 1969 os *Annales* publicaram um número especial, intitulado *Histoire biologique et société*.

Monbeig e Emmanuel De Martonne dividiram no ano de 1937, seu último ano de graduação. De acordo com o relatório da cadeira de Geografia de 1937, a primeira parte, sobre relevo do solo (“topografia normal”) ficou a cargo de Monbeig; e a segunda, também sobre relevo do solo, contudo, a parte relativa a topografias estruturais e influências climáticas no relevo, ficou a cargo de De Martonne. Este organizou várias excursões: a Campos do Jordão, Botucatu, Itatiaia, litoral norte de São Paulo (Caraguatatuba, São Sebastião e Vila Bela) e ao monte Jaraguá. Fruto destas várias excursões são as pesquisas de De Martonne “de ordem física na Serra do Mar, Mantiqueira e Vale do Paraíba”. (*Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1937-1938*, 1938: 178). Além das excursões e dos cursos regulares, De Martonne ofereceu duas conferências. Uma sobre “A França e a Europa”; e a segunda sobre “As regiões áridas da América do Sul”. Outro dado importante é o fato de que em 1938, já como assistente da cadeira de História da Civilização Americana sob a regência de Paul Vanorden Shaw<sup>20</sup>, Alice Canabrava ainda buscava conhecimentos de Geografia Física. Em seu já citado memorial para o concurso de cátedra da História da Civilização Americana de 1946, Canabrava afirma ter realizado, em Março de 1938, um estágio de três meses junto ao departamento Geográfico e Geológico da FFCL da USP, onde frequentou as seções de Climatologia e Hidrografia.

### **Algumas considerações finais**

Ao longo deste texto procuramos demonstrar que os conhecimentos geográficos de Alice Piffer Canabrava possuem estreita vinculação com o “lugar” por ela ocupado durante os primeiros anos do curso de História e Geografia da FFCL da USP, principalmente com os

---

<sup>20</sup> Na seção “CURRICULUM VITAE DOS NOVOS PROFESSORES”, constante do *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1936*, temos uma síntese da trajetória acadêmica de Paul Vanorden Shaw. “Nascido a 11 de Julho de 1898, em São Paulo. Fez seus estudos secundários no Ginásio de Lavras (Minas Gerais), no Wellsbore, High School, Pennsylvania, Estados Unidos. Neste país, continuou os estudos superiores no College of Wooster (Ohio) onde, em 1919, obteve o grau de Bacharel em Artes. Depois de uma estadia de dois anos na América do Sul, voltou a Nova York, e na Universidade de Columbia encetou os estudos que lhe trouxeram, em 1926, o grau de Mestre em Artes, e, em 1930, o de Doutor em Filosofia. [...]”. Em sua produção devemos destacar seus estudos acerca de José Bonifácio e sua vasta publicação de artigos sobre América Latina em jornais como o “New York Times” e o “Washington Post”. (*Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1936*, 1937: 297-298).

geógrafos franceses que regeram a cátedra de Geografia, trazendo ao Brasil os conhecimentos acumulados pela Escola Geográfica Francesa.

A carreira de Alice Piffer Canabrava, como vimos, se iniciou com um típico estudo de Geografia Regional. Em seguida, apresenta trabalho no *IX Congresso Brasileiro de Geografia* em 1940 (CANABRAVA, 1944), sendo que desde 1936, ou seja, já em seu segundo ano de graduação, fazia parte da Associação de Geógrafos Brasileiros, fundada por Pierre Deffontaines e outros eminentes geógrafos do período. Em 1942 apresenta sua famosa tese de doutoramento acerca do comércio português no estuário do Rio da Prata (CANABRAVA, 1944a), ocasião em que foi aprovada com distinção e recebeu nota 9,56, sendo que um dos membros da banca examinadora foi Pierre Monbeig, tendo inclusive recebido elogiosa resenha de Fernand Braudel na Revista dos *Annales* (BRAUDEL, 1948).

Sua tese de livre-docência, apresentada em 1946, acerca da produção de açúcar nas Antilhas (CANABRAVA, 1981), também mereceu elogiosa resenha do historiador português Vitorino Magalhães Godinho, que, além da vinculação às preocupações dos *Annales*, ressaltou a importância do tratamento concedido à Geografia em sua tese.

*Mais il n'est pas possible de résumer l'étude extrêmement riche, bien étayée et toujours vivante d'Alice Piffer Canabrava. C'est vraiment de l'histoire au sens où nous l'entendons aux Annales: totale, humaine. Ici nous avons affaire à des groupes humains dont le milieu géographique nous a été présenté — et nous prenons une connaissance claire et minutieuse des techniques agricole, industrielles et commerciales.* (GODINHO, 1948: 542).

O único interregno que encontramos na produção de Alice Canabrava quanto à utilização dos aportes oriundos da Geografia, se dá no momento em que a mesma foi preterida para a cadeira de História da Civilização Americana em 1946 e foi para a recém-criada (1946) FCEA, ocupar cargo de historiadora no Instituto de Administração, anexo à cadeira de Ciências da Administração.

Contudo, assim que lhe é possível retoma com total força sua formação geográfica, com sua tese para a cadeira de História Econômica da FCEA da USP. Como procuramos demonstrar, a Geografia Física esteve fortemente presente, ao lado também da Geografia

Humana e Econômica, claro que com preocupações caras ao ofício de historiador. Desta forma, Alice Piffer Canabrava se consagra primeira catedrática da USP, não na FFCL, mas sim na recém-criada FCEA, com uma tese de História Econômica, porém que possui estreita relação com sua formação de geógrafa.

### Referências bibliográficas

AB´SÁBER, Aziz Nacib. Pierre Monbeig: a herança intelectual de um geógrafo. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 8, p. 221-232, 1994.

*Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1934-1935*. FFCL, USP, São Paulo: Empresa Grafica da “Revista dos Tribunaes”, 1937.

*Anuário da FFCL., 1936*. FFCL, USP, São Paulo: Empresa Grafica da “Revista dos Tribunaes”, 1937.

*Anuário da FFCL., 1937-1938*. FFCL, USP, São Paulo: Empresa Grafica da “Revista dos Tribunaes”, 1939.

BRAUDEL, Fernand. L’Essor économique. Du potosi à Buenos Aires: Une route clandestine de l’argent. Fin du XVe, début du XVIIe siècle. *Annales. Économie, Sociétés, Civilisations*. Paris, n. 4, p. 546-550, 1948.

CANABRAVA, Alice Piffer; MENDES, Maria Teixeira. A Região de Piracicaba. *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo, vol. 45, p. 275-328, 1938.

CANABRAVA, Alice Piffer. Primeiras notas para um estudo acerca dos bairros no estado de São Paulo. *Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia*. Rio de Janeiro, vol. III, p. 650-652, 1944.

\_\_\_\_\_. *O Comércio Português no rio da Prata (1580-1640)*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Boletim XXXV. História da Civilização Americana. N. 2, 1944a.

\_\_\_\_\_. *O Açúcar nas Antilhas (1697-1755)*. 2º edição. São Paulo: Instituto de Pesquisas Econômicas, 1981.

\_\_\_\_\_. O Caminho Percorrido. In: CANABRAVA, Alice Piffer. *História Econômica: Estudos e Pesquisas*. 1º edição. São Paulo: Hucitec; UNESP; ABPHE, 2005, p. 23-34.

CLAVAL, Paul. Geografia Econômica e Economia. *Geotextos*. Salvador, v. 1, n.1, p. 11-27, 2005.

DEFFONTAINES, Pierre. Regiões e paisagens do Estado de São Paulo. Primeiro esboço de divisão regional. *Geografia*. São Paulo, n. 2, p. 117-169, 1935.

\_\_\_\_\_. O que é Geografia Humana. *Boletim do Conselho Nacional de Geografia*. Rio de Janeiro, n. 3, p. 13-17, 1943.

DE MARTONNE, Emmanuel. O RELATORIO DO PROF. DE MARTONNE. In: *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1937-1938*, 1938, p. 118-122.

DOSSE, François. O recurso geográfico dos historiadores. In: DOSSE, François. *História e Ciências Sociais*. Bauru: Edusc, 2004, p. 115-148.

ERBERELI JÚNIOR, Otávio. Alice Piffer Canabrava e *O Desenvolvimento da Cultura do Algodão na Província de São Paulo (1861-1875)*. *Revista de Teoria da História*. Goiânia, ano 4, n. 8, p. 35-64, 2012. Disponível em: <[http://revistadeteoria.historia.ufg.br/uploads/114/original\\_Artigo\\_3\\_Erbereli\\_Junior.pdf](http://revistadeteoria.historia.ufg.br/uploads/114/original_Artigo_3_Erbereli_Junior.pdf)>. Acesso: 30/03/2013.

\_\_\_\_\_. Uma leitura “ambiental” de três teses universitárias de História Econômica. *Revista Territórios & Fronteiras*. Cuiabá, v. 5, n. 2, p. 172-201, 2012a. Disponível em: <<http://www.ppphis.com/territorios&fronteiras/index.php/v03n02/article/view/118/131>>. Acesso: 30/03/2013.

FEBVRE, Lucien. *La terre et L'Évolution humaine*. Introduction géographique a l'Histoire. Paris: La Renaissance du Livre, 1922.

GODINHO, Vitorino Magalhães. Industrie et commerce Antillais. SUR LE SUCRE DES ANTILLES. *Annales. Économie, Sociétés, Civilisations*. Paris, n. 4, p. 541-545, 1948.

MONBEIG, Pierre. Orientação didática. In: *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1934-1935*, 1937, p. 105-112.

\_\_\_\_\_. Geografia. In: *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1936*, 1937a, p. 252-256.

\_\_\_\_\_. A divisão regional do Estado de São Paulo. *Anais da Associação dos Geógrafos brasileiros*, São Paulo, Serviço Geográfico IBGE, v. 1, p. 19-36, 1949.

MORAES, Antonio Carlos Robert. A Antropogeografia de Ratzel: indicações. In: MORAES, Antonio Carlos Robert (org.). *Ratzel*. São Paulo: Ática, 1990, p. 7-27.

\_\_\_\_\_. *Geografia: uma pequena história crítica*. 21ª edição. São Paulo: Annablume, 2007.

OZOUF-MARIGNIER, Marie-Vic. Um Domínio Contestado: A Geografia Psicológica no tempo de Pierre Monbeig. In: SALGUEIRO, Heliana Angotti (org.). *Pierre Monbeig e a geografia humana brasileira: a dinâmica da transformação*. Bauru: Edusc, 2006, p. 57-85.

Processo 46.1.126.8.7 (Arquivo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo: inscrição no concurso para a cadeira de História da Civilização Americana, 1946).

RIBEIRO, Guilherme. *Espaço, tempo e epistemologia no século XX: A Geografia na obra de Fernand Braudel*. 2008. 380 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Geografia) – UFF, Niterói, 2008.

RIBEIRO, Maria Alice Rosa. As primeiras pesquisadoras brasileiras em história econômica e a construção da disciplina no Brasil. *história econômica & história de empresas*. São Paulo. v. II, n. 2, p. 7-40, 1999.

SALGUEIRO, Heliana Angotti. Introdução à primeira parte. In: SALGUEIRO, Heliana Angotti (org.). *Pierre Monbeig e a geografia humana brasileira: a dinâmica da transformação*. Bauru: Edusc, 2006, p. 17-35.